

LITERATURA FANTÁSTICA ELETRÔNICA: APONTAMENTOS E PERSPECTIVAS SEGUNDO A TEORIA LITERÁRIA

ELECTRONIC FANTASTIC LITERATURE: NOTES AND PERSPECTIVES ACCORDING TO THE LITERARY THEORY

Jennifer da Silva Gramiani Celeste¹

RESUMO

O gênero literário fantástico tem logrado alcançar um espaço cada vez mais cativo nas prateleiras dos leitores de todas as faixas etárias, sendo a progressiva difusão quanto ao acesso às novas tecnologias digitais conectadas à *World Wide Web*, decerto, um dos principais fatores responsáveis por impulsionar o delineamento desse cenário, o que proporciona aos sujeitos sua aproximação em relação a títulos cujas tramas de fantasia são confeccionadas sobre as mais diversas e inusitadas materialidades, dentre impressa e eletrônica, por exemplo. Este breve artigo, cujo *corpus* analítico compreende as obras constituintes da saga *Aika*, originalmente manufaturada em *Wattpad* – uma plataforma de autopublicação literária –, almeja esboçar potenciais viabilidades de diálogos entre o enredo assinado por Lúcia Lemos e algumas das contribuições teóricas do campo de estudo relativo à Literatura de Fantasia, tais como aquelas outrora disseminadas por Mikhail Bakhtin, Tzvetan Todorov e Vladimir Propp, bem como ao entretenimento, como é o caso de Christopher Vogler, somente a cargo de ilustração. As conexões estabelecidas nos demonstram o espectro de possibilidades que a produção literária contemporânea do gênero apresenta no que tange a essa tal vertente.

Palavras-chave: literatura de fantasia, jornada do herói, *wattpad*.

ABSTRACT

The fantastic literary genre has managed to reach an increasingly captive space on the shelves of readers of all age groups, with the progressive diffusion of access to new digital technologies connected to the *World Wide Web*, certainly one of the main factors responsible for boost the delineation of this scenario, which enables subjects to approach titles whose fantasy plots are made on the most diverse and unusual materialities, including print and electronic, for example. This brief article, whose analytical corpus comprises the constituent works of the *Aika* saga, originally manufactured on *Wattpad* – a literary self-publishing platform –, aims to outline potential viability of dialogues between the plot signed by Lúcia Lemos and some of the theoretical contributions of the relative field of study to Fantasy Literature, such as

¹ Doutorado em Letras: Estudos Literários, Universidade Federal de Juiz de Fora. Atuação profissional: Prefeituras Municipais de Juiz de Fora e Matias Barbosa. E-mail: djeceleste@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3592548159560060>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7869-4522>

those once disseminated by Mikhail Bakhtin, Tzvetan Todorov and Vladimir Propp, as well as to entertainment, as is the case of Christopher Vloger, for illustration purposes only. The connections established demonstrate to us the spectrum of possibilities that contemporary literary production of the genre presents with regard to this aspect.

Keywords: fantasy literature, hero's journey, *wattpad*.

Introdução

Influenciada pelo impacto multicultural e midiático conquistado por feitos literários apresentados à audiência – *O Hobbit* (1937), de J. R. R. Tolkien; *The Witcher* (1993), de Andrzej Sapkowski; e *Harry Potter* (1997), de J. K. Rowling –, a produção de Literatura de Fantasia em território brasileiro é consideravelmente vasta. Assim, podemos mencionar alguns nomes precursores do ramo, tais como o jovem casal Raphael Dracon – *Dragões de éter* (Leya, 2010) – e Carolina Munhóz – *Trindade leprechaun* (Fantástica, 2015) –, a simples título de menção. Os referidos escritores iniciaram os seus esforços no âmbito ciberespacial, no qual as dinâmicas de confecção, divulgação e recepção diferem-se daquelas comumente possibilitadas pelo âmago dos livros de papel. Posteriormente, os supracitados autores assumiram verdadeiros lugares de destaque no meio impresso. É assim, a exemplo de Dracon e Munhóz, que uma significativa parcela de autores vinculada à referida vertente literária dá os seus primeiros passos no universo da escrita, analogamente à situação vivenciada por Lúcia Lemos, ilustradora e *designer* carioca que escolhera a Internet como espaço para manufatura de seus próprios livros – figura que selecionamos para realizarmos as análises pretendidas a este breve estudo, promovendo, assim, um recorte autoral.

A saga de sua autoria, intitulada *Aika*, é atualmente constituída por dois volumes e sua amostra parcial encontra-se disponível na interface de *Wattpad*,² uma plataforma virtual de autopublicação literária idealizada em meados do novo milênio. O primeiro título, *Aika: a canção dos cinco* (2015), fora premiado como melhor obra eletrônica na categoria “Narrativa Visual” da premiação *The Wattys*, anualmente

² *Wattpad*: <http://www.wattpad.com>. Acesso em: 20 out. 2024.

promovida pelo *website* em questão. Ademais, ganhara menção honrosa através do *Prêmio Bunkyo de Literatura*, da Associação Japonesa de Cultura e Assistência Social. Mais tarde, seus livros foram adaptados sob o formato de produtos impressos pela editora PenDragon, especializada na publicação do gênero literário relativo à Fantasia. *Aika: o tabuleiro do oráculo* (2018) é o segundo livro que integra a coleção idealizada pela escritora-internauta de *Wattpad*, também transposto às páginas de celulose.

A história de *Aika*, heroína-título da saga, desenvolve-se a partir da necessidade dessa personagem prestar auxílio ao seu herói de anime e mangá predileto, Kurikara. A trama é narrada a partir do registro predominantemente verbal, mas também apresenta algumas ilustrações assinadas pela própria *wattpader* – denominação atribuída ao utente da plataforma. Essas representações são confeccionadas de maneira semelhante às páginas dos quadrinhos pertencentes aos mangás japoneses e auxiliam a narração da história por intermédio do típico cenário multimidiático potencializado pelo advento e pela democratização da grande rede.

Portanto, defronte a esse quadro, o presente artigo objetiva delinear a trajetória de *Aika* enquanto heroína da narrativa na qual atua como protagonista, considerando, para tanto, contributos teóricos de estudiosos que se dedicam a desbravar o campo voltado ao olhar sobre a Literatura de Fantasia, bem como também em relação à Narratologia, dentre os quais mencionamos Mikhail Bakhtin, Tzvetan Todorov e Vladimir Propp, além do entusiasta do entretenimento, seguidor de Joseph Campbell, Christopher Vogler. O caminho percorrido certamente torna melhor concebível a presença de características comuns às histórias narradas no transcorrer dos tempos em produções da contemporaneidade – a exemplo de *Aika* –, com destaque para a elucidação de elementos fantásticos que singularizam essas tramas.

Sobre *Aika* e sua criadora, Lúcia Lemos

Para Lúcia Lemos, natural da cidade do Rio de Janeiro, sua imersão no universo literário acontecera de maneira despretensiosa e desprovida de anseios no que concerne ao alcance de quantitativo expressivo de visualizações ou leituras. Iniciara seus esforços como ilustradora e *designer*, aproveitando-se dos saberes obtidos durante sua formação acadêmica na área de Comunicação Visual pela UFRJ.

Quando em entrevista ao nosso *blog*, intitulado *Entre Linhas, Entre Pautas*, a autora declarara que a ideia para escrever *Aika* surgiu mais precisamente em um sonho que tivera no ano de 2007, no qual visualizou o término de um enredo de fantasia, tornando-se necessário, portanto, encontrar seu início e meio para fazer-se entender. Ademais, atribuíra aos animes e mangás grande parte de sua personalidade, além da tendência de inclinação por esta ou aquela trajetória, por exemplo, o que influenciou claramente a escolha dos traços orientais para compor o delineamento da saga de sua autoria: “as histórias dos heróis me ajudaram a passar por momentos difíceis, e pensei que poderia trazer uma história justamente sobre isso: o bem que os animes e os mangás fizeram a uma heroína fictícia. Também fiquei apaixonada pela estética do Japão” (Lemos, 2021).

Sua opção por publicar o tal texto em *Wattpad* pareceu não se configurar um desafio, tendo em conta ter sido apresentada às muitas vantagens da referida plataforma virtual de autopublicação por um alguém próximo. A *wattpader* comprehende sua imersão nesse *website* como uma espécie de experimento, algo comum à maioria dos internautas que se aventuram como escritores de Literatura, concebendo a interface ciberespacial como um meio para a conquista do estrelato – quase sempre atrelada à publicação impressa, o que exemplos bem sucedidos têm sido capazes de desmistificar, tal como Chaiene Santos,³ autor da coleção *Os filhos do tempo* (2015), cujo texto original encontra-se publicado somente em *Wattpad*, ainda que as ofertas de transposição ao formato de papel tenham sido inúmeras. Retomando a fala da autora em relação ao colega que a influenciou: “Foi ele que me sugeriu escrever o livro e ir postando lá para ver se as pessoas gostavam, pois havia editoras grandes observando as obras mais lidas para uma eventual publicação física” (Lemos, 2021).

Nessa entrevista, temos a oportunidade de conhecer sobre o processo criativo de *Aika*, acima de tudo no que concerne ao emprego de recursos audiovisuais à construção da narrativa idealizada. De fato, a presença de ilustrações no decorrer da evolução da história fantástica de *Aika* e seus amigos mágicos equivale a importante achado que nos infere um vasto arsenal de viabilidades de imersão. Inspirada pelo

³ Chaiene Santos: <http://www.wattpad.com/user/chaienesantoswriter>. Acesso em: 20 out. 2024.

gênero *light novel*,⁴ a manufatura literária de Lemos fora outrora compreendida figurativamente como espécie de mangá em prosa, mais precisamente no artigo de nossa autoria, *Literatura e intermidialidade em Wattpad: a saga “Aika”, de Lúcia Lemos (2021)*, em consonância ao seguinte excerto:

Texto e ilustrações auxiliam a construção de uma segunda narrativa, para além da primeira sobre a qual neste artigo discorremos: ao leitor é concedida a possibilidade de trabalhar criativamente com seu intelecto imaginativo, concebendo *Aika* ora como texto em prosa, ora enquanto produto também digno das páginas dos mangás. Lemos, então, inaugura ou fortalece uma vertente literária que se propõe a desmistificar a convencionalidade da Literatura ilustrada, tomando de empréstimo, para isto realizar, as múltiplas viabilidades de manufaturar Literatura em *Wattpad*, dentre elas, a possibilidade de inserir imagens no transcorrer da produção textual (Celeste; Ferreira, 2021, p. 4, grifos dos autores).

As páginas de mangás distribuídas por toda a extensão do texto propiciam o contato dos leitores com o universo visual que a autora havia cogitado primordialmente à sua obra, expandido as possibilidades de deleite sobre a narrativa (**Figura 1**).

Figura 1. Ilustrações de Lúcia Lemos para a saga *Aika*.



Fonte: *Wattpad* (Acesso em: 20 out. 2024).

⁴ Prosa ilustradas com traços característicos da cultura oriental.

Premiada por duas vezes, a produção literária de Lúcia Lemos enfrenta alguns desafios, tal como todos os escritores-internautas e independentes, seja em razão da ausência de patrocínio, seja devido à significativa concorrência vigente no mercado editorial contemporâneo. Contudo, a autora segue resistente, refletindo-nos o mesmo olhar determinado que sua protagonista, Aika, demonstra possuir – “minha arte ajuda a me destacar, mas ainda preciso aprender – e ter energia suficiente para dar conta de tudo” (Lemos, 2021).

Um passeio pelo mundo fantástico de Gattai

Em *Aika: a canção dos cinco* (2015), primeiro livro da coleção de Lúcia Lemos, a personagem-título é uma adolescente nipo-brasileira, estudante e grande admiradora da cultura japonesa. Conhecemos a protagonista idealizada pela escritora a partir de sua descrição e do local no qual vive, trazida logo ao início da história, servindo-nos como uma relevante apresentação quanto ao universo cotidiano comum a essa personagem – “Aika passou o dia inteiro aguardando ansiosamente para poder ler o novo capítulo de *Suzaku no Shounen Kurikara*. Nem tirou o uniforme quando chegou ao apartamento, mal entrou e já foi ligando seu computador” (Lemos, 2015). Tal vislumbre inicial permite-nos conhecer e explorar o *Mundo Comum* no qual se faz presente nossa heroína, em conformidade às explanações de Christopher Vogler na obra *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores* (2006) – com base no legado preteritamente concebido por Joseph Campbell:⁵ afinal, anterior ao *Chamado à Aventura*, existe a necessidade de esboçar esse tal mundo ordinário do qual advém um herói predestinado a grandes feitos, contribuindo ao contraste entre sua casa e a então nova atmosfera a ser desbravada, abrindo horizontes de amplitude.

A inserção da personagem em universo outro acontece inusitadamente, de maneira que os primeiros elementos que caracterizam o fantástico surgem na história escrita por Lemos – “A coisa falava, uma voz grave e retumbante que parecia se propagar pelas paredes, e que por alguma razão ela não conseguia diferenciar se era masculina ou feminina. E ainda ouvia o que ela pensava!” (Lemos, 2015). Como poderia aquilo ocorrer? Nessa passagem, assim como em tantas outras congêneres, o

⁵ Conhecido por desenvolver a teoria da *Jornada do Herói*, a qual sugere que todas e quaisquer histórias, desde aquelas que datam das origens da Humanidade, possuem estruturas semelhantes entre si, sobretudo em relação a alguns elementos narrativos, tais como personagens e enredos, por exemplo.

ritmo ditado pela fantasia é aquilo o que transforma o nosso mundo, atribuindo-lhe compassos e configurações até o momento desconhecidos. Nas palavras de Tzvetan Todorov, em *Introdução à literatura fantástica* (1980), apto a fazer emergir ocorrências consideradas inadmissíveis à existência “pelas leis desse mesmo mundo familiar” (Todorov, 1980, p. 15) (**Figura 2**).

Figura 2. O encontro entre Aika e a voz incorpórea, um elemento característico da aura fantástica da narrativa de Lúcia Lemos.



Fonte: *Wattpad* (Acesso em: 20 out. 2024).

Transcorridos alguns momentos, Aika enfim descobre estar em lugar há tempos por ela conhecido, pelo menos no que se refere às suas imersões no âmbito dos mangás: Gattai. Essa identificação ocorre quando a adolescente reconhece um dos elementos que tornam a referida localidade decerto dotada de peculiaridades, as denominadas “irmãs”, ou seja, as luas responsáveis por clarear as escuras noites na terra mágica. Essa constatação é revelada de maneira inusitada, com ares e notas de humor pela própria protagonista, ao anunciar: “Segurem essa, terráqueos! A primeira pessoa a pisar em outro planeta é brasileira” (Lemos, 2015). O encontro com o ídolo de suas histórias prediletas e herói nato, Kurikara, é assinalado por surpresa e incredulidade, aparentemente comuns em narrativas nas quais a distância entre os universos que as constituem se faz extrema e, por conseguinte, tudo aquilo o que é contemplado por esses cenários, também – os inesquecíveis clássicos literários *O*

mágico de Oz,

de L. Frank Baum, e *Coraline*, de Neil Gaiman, são aqui lembrados enquanto exemplos a respeito dessa especificidade observada em *Aika*, podendo tantos outros serem citados.

Apesar da admiração da garota por Kurikara, este se apresenta arredio e hostil, desacreditado quanto às reais intenções da forasteira. Instaura-se, portanto, uma rejeição no que tange àquilo o que é novo, reação tradicionalmente relatada na literatura sobre a temática, aqui, por Joachim Manzi e Frédérique Toudoire-Surlapierre, autores do ensaio intitulado *O desconhecido que bate à minha porta* (2004). Envolvidos em uma relação de grande temor, é sabido que “a chegada de desconhecidos, de estrangeiros no seio de uma comunidade, sempre significou para esta o perigo de ser atacada [...] ou reduzida aos recém-chegados” (Manzi; Toudoire-Surlapierre, 2004, p. 796). Kurikara é então levado a acreditar que no Planeta Terra ele e seus amigos estariam protegidos de todos os males que viriam a atacá-los em Gattai. Apesar do aceite contrariado mediante a proposta realizada por Aika – “Se a senhorita me enganar, será amaldiçoada e só os deuses sabem o que sofrerá por causa do pacto” (Lemos, 2015) –, percebemos a necessidade do herói em assumir o que não é uma excepcionalidade no âmago relativo às ações heroicas: “Eu preciso ver com meus próprios olhos se existem realmente outros mundos e outros seres! Nunca me foi ensinado algo assim” (Lemos, 2015). Reiteremos, agora, os ensinamentos de Vogler (2006, p. 53) sobre o arquétipo que se refere ao herói, especialmente quando diz acerca de sua função primordial no enredo, para além, é claro, das clássicas tentativas de obter êxito e, enfim, ser amado: um herói, de acordo com o que nos dispõe o autor em destaque, deve adquirir saberes inexplorados, cumprindo com o propósito sobre o qual teoriza: “Todos somos mestres uns dos outros” (Vogler, 2006, p. 53).

É interessante notabilizarmos como a formação de um herói de todos os tempos, outrora descrita por Campbell e celebremente sistematizada por Vogler (2006), acontece tanto para Aika quanto para Kurikara, ainda que este último possua o *status* concernente ao heroísmo. Ora, em um primeiro momento da trama esperávamos que a adolescente é que viria a se transformar gradualmente naquela heroína protagonista de quaisquer narrativas, mas além dessa dinâmica fatalmente se

desenvolver no decorrer da história, observamos que Kurikara também se aproveita da jornada a ele imposta para descobrir-se um herói diferente daquele que já se fazia aparente sobre as páginas dos mangás de Aika. Sob esse prisma, para além da aura de heroína, Aika transveste-se como uma espécie de mentora, acompanhando Kurikara ao longo de todo o seu trajeto. Por isso, Vogler (2006, p. 49) já havia nos alertado sobre os arquétipos enquanto papéis passíveis a oscilações devido à necessidade de atuarem deste ou daquele modo em conformidade às distintas demandas do enredo da narrativa. Em suas próprias palavras, “como funções que eles desempenham temporariamente para obter certos efeitos numa história” (Vogler, 2006, p. 49). Nessa seara, Vladimir Propp, ao assinar a obra *Morfologia do conto maravilhoso* (1984), configura-se alicerce indispensável para o vislumbre anteriormente disposto, uma vez que em sua obra, considerada seminal no campo da Narratologia, traz-nos interessante quadro relativo às funções desempenhadas por personagens em um enredo fantasioso qualquer. Da teoria de Propp (1984, p. 31), depreendemos que a função do personagem é ditada pela morfologia estrutural que sustenta o conto maravilhoso ou fantástico. Então, quaisquer alterações que porventura venham a ocorrer seguramente irão infligir ao tal personagem uma imagem arquetípica dessemelhante àquela originalmente por ele assumida, fato que logra dialogar com as proposições de Vogler (2006) e, obviamente, também de outros estudiosos da área.

A noção de que algo possível em uma dimensão dita mágica não se faz como tal no mundo no qual vivemos é explorada pela autora da saga quando em um ponto de seu texto descreve o retorno de Aika e Kurikara à Terra, relatando o desaparecimento dos graves danos causados ao herói ainda em Gattai – “Também notaram que as manchas haviam sumido. A marca de Suzaku, em vez de vermelha como uma tatuagem em sua testa, assemelhava-se agora a uma grande cicatriz antiga” (Lemos, 2015). São momentos como este e outros que demarcam o referido contraste entre os mundos comum e especial da teoria trazida à luz por Vogler (2006). E o que torna ainda mais aparente a singularidade de cada um desses cenários corresponde à maneira por intermédio da qual são descritos. É notável o diálogo que esses achados são capazes de estabelecer junto às contribuições de Mikhail Bakhtin presentes no título *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo* (2018), em especial ao nos reportar à noção de *cronotopo artístico-literário* ou *ficcional*, a qual equivale

ao desenho que é esboçado pelo narrador de uma história em seu decorrer, com enfoque na viabilidade de integração entre os elementos narrativos – espaço e tempo – e as formas visíveis que assumem em registro majoritariamente verbal, em consonância aos livros da *wattpader*.

No texto de Lemos, realidade e fantasia alternam-se e, sobremaneira, intercalam-se, criando, por vezes, ambientação deveras peculiar ao desenvolvimento do enredo, já que o relacionamento entre Aika e os seres mágicos de Gattai possui como cenário também o plano físico que nos é conhecido e do qual provém a heróina-título da saga eletrônica. Essa questão propicia um *continuum* por meio do qual os componentes tradicionalmente vinculados aos mundos comum e especial dialogam constantemente em busca de circunstâncias que sejam plausíveis aos seus respectivos protagonismos se sob esta ou aquela atmosfera. Nesse sentido, o trecho a seguir demonstra a tentativa de Aika em esclarecer a existência de miniaturas e pôsteres na parede de seu quarto com imagens de Kurikara aos amigos do herói: “Então, histórias são feitas por pessoas. Uma pessoa do meu mundo publicou... Aliás, publicou uma história de mangá sobre um mundo diferente e imaginário” (Lemos, 2015) (**Figura 3**).

Cremos ser este um exemplo demasiado caro no que diz respeito às confluências entre as esferas viáveis à existência, outrora exploradas por Todorov (1980, p. 22-23). Então, nesse imbricado e complexo jogo entre os fatos racionais e imaginários, bem como aquele experienciado por Kurikara e os guerreiros de Gattai, não sabem ou pouco desconfiam se aquilo que vivenciam equivale a uma ilusão dos sentidos ou, ainda, por que não, a um produto inerente às suas próprias capacidades de devaneio. Como consequência, não apreendem, de maneira plena, as leis que regem o mundo familiar do qual se originam – Gattai. Ou, ainda, se o fato de agora se encontrarem em um plano outro e desconhecido – o Planeta Terra, de onde advém a garota Aika – indica-lhes um processo ilusório dos sentidos. Ironicamente, até mesmo os personagens considerados dotados de teor fantástico detêm suas inquietações em relação à atmosfera na qual se situam e exercem suas ações. Logo, a diáde de Todorov está posta e firmada em obras similares a esta assinada por Lemos, mas também, especialmente, em alguns outros títulos literários cativos do público infanto-juvenil, dentre os quais estão *Peter Pan*, de J. M. Barrie, e *James e o pêssego gigante*, de

Roald Dahl – “as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, ou então esta realidade está regida por leis que desconhecemos” (Todorov, 1980, p. 22-23).

Figura 3. Kurikara e os guerreiros de Gattai no quarto de Aika.



Fonte: *Wattpad* (Acesso em: 20 out. 2024).

A aura fantástica continua em destaque em *Aika*: o tabuleiro do oráculo (2018), o segundo volume da saga idealizada por Lúcia Lemos. Subjacente a essa circunstância, alguns artifícios tipicamente presentes na Jornada do Herói também assinalam presença na história em análise. Dentre os quais que nos alertam a atenção, há o tal tabuleiro que é mencionado no próprio título da obra. Esse objeto mágico diz respeito à base para o jogo “Gattai No Sekai”, “mais antigo do que a própria criação” (Lemos, 2018). Aqui, o supracitado elemento exerce importante papel de protagonismo, não somente por se fazer indicado no título da narrativa, em

consonância à nossa anterior assertiva, mas, principalmente, por conduzir a trama agora experienciada pelo elenco. Não seria exagero concebermos o tabuleiro enquanto *Mentor*. Em clássicos de tempos pretéritos, como é o caso de *Branca de Neve e os sete anões*, popularizado pelos Irmãos Grimm, e também *Aladim e a lâmpada maravilhosa*, sem autoria definida, objetos de uso ordinário – espelho e lâmpada, respectivamente – servem como morada aos conselheiros dos personagens das histórias – a voz incorpórea que orienta as ações da Rainha Má, e o gênio, responsável por guiar as ações do jovem Aladim. Corroborando com a premissa colocada por Vogler (2006, p. 62) acerca desse tal arquétipo, “uma figura positiva que ajuda ou treina o herói”, Kurikara é alertado por Shaykan, a entidade que responde por intermédio do tabuleiro: “Dispa-se de suas barreiras e temores, ou tudo isto lhe será inútil” (Lemos, 2018). Similar aos enredos do livro *O Hobbit* e do desenho de animação *Caverna do dragão*, nos quais os seus mentores, Mago Gandalf e Mestre dos Magos, insistem em se ausentarem nos momentos mais inoportunos, deixando os seus aprendizes sem acesso a respostas concretas, o herói Kurikara vê-se desolado quando lhe é informada a necessidade de buscar ele próprio por esclarecimentos – “nós não traduzimos o canto de Shaykan” (Lemos, 2018).

Prosseguindo, logramos averiguar uma particularidade relacionada ao tempo da história de Aika, o *cronotopo artístico-literário* de Bakhtin (2018), já antes mencionado neste breve estudo. E isso é expresso na fala da protagonista, entediada ao saber que sua viagem seria longa por estar em um universo que não o seu de origem – “Que saco! No meu mundo, um caminho desses não levaria nem um dia!” (Lemos, 2018) –, reiterando os aspectos singulares que parecem demarcar o espaço-tempo da Literatura e, em especial atenção, também da atmosfera fictícia sustentada sobre alicerce fantasioso. Assim, Bakhtin (2018, p. 100) tece relevantes comentários sobre os Romances de Cavalaria que podem ser fidedignamente transpostos à nossa querela analisada, uma vez que comungam de preceitos análogos, sendo um deles equivalente à espontaneidade por meio da qual as aventuras tendem a ocorrer: “em todo tempo aventureSCO tem lugar a intervenção do acaso, dos destinos, dos deuses, etc.” (Bakhtin, 2018, p. 100). Tal ruptura que acontece no tempo da narrativa é entendida pelo autor como algo que se desenvolve de súbito,

desmantelando toda a ordem aparentemente linear que guarda uma dada trama, trazendo novidades ao seu rumo.

Poderia esse, talvez, ser o marcador de estágios comuns à jornada percorrida por um herói, como são os casos da *Provação*, que estabelece momentos de suspense no enredo, ou mesmo da *Ressurreição*, um exame final no qual o herói é posto à provação a fim de que se possa atestar se de fato este aprendera as lições consideradas necessárias (Vogler, 2006). Defrontada à possibilidade de se constituir a guardiã mais poderosa dentre os novos amigos em razão das habilidades por ela apreendidas, Aika é paralisada, *de súbito*, pelo medo de não conseguir controlar sua força, tendo atingido um membro do grupo – “O espanto no olhar dos três sobre Aika foi pior do que qualquer bronca. Tinha poder sobre o fogo de Kurikara. Ela era a mais poderosa dos Guardiões” (Lemos, 2018). Esse evento assinala a chegada do ponto crítico da história, justamente no qual a heroína-título é apresentada à sua nova realidade, bem como às consequências atinentes ao poderio a ela concedido por seguidores.

Desse modo, segue a jornada de Aika, Kurikara e os Guardiões de Gattai, majoritariamente ancorada nos preceitos universais que regem a Literatura da Fantasia, com ênfase nos aspectos encontrados no caminhar heróico sugerido por Campbell.

Considerações finais

As amostras de *Aika* são finalizadas em passagens estratégicas de suas respectivas narrativas, quase sempre no ápice ou clímax da aventura, por motivos que não nos cabe descortinar neste breve artigo – a necessidade de surpreender positivamente o público leitor, promovendo um contexto favorável à busca pelo restante do enredo disponível integralmente em versão impressa, pela editora PenDragon, e também em versão digital, por meio da publicação independente proporcionada pela plataforma da *Amazon*,⁶ é uma aposta plausível.

Embora isso acometa a análise aqui pretendida, uma vez sermos impossibilitados de explorar outras nuances ou texturas imanentes ao universo fantástico da *wattpader*, aquelas que foram trazidas ao saber na presente produção seguramente estiveram aptas a convergir em direção à ideia de uma Literatura que

⁶ Kindle Direct Publishing: http://kdp.amazon.com/pt_BR. Acesso em: 20 out. 2024.

contribui aos calorosos embates entre realidade e irrealidade (Todorov, 1980), usufruindo-se daquilo que a Internet pode ofertar em termos de inovações à redação, assim como em relação àquilo que a própria cultura oriental, repleta de encantos e mistérios, pode infligir aos apreciadores. Desse vigoroso abraço, temos *Aika*, equilibrando-se entre a monotonia inexoravelmente ditada pelo *Mundo Comum*, e a pluralidade de opções regalada pelo *Mundo Especial* – um verdadeiro deleite fantástico.

Ora Aika, ora Kurikara, somos todos heróis de nossas próprias vidas – leiamos *jornadas* –, à espera de acolhimento por outrem, conquistas e encontro de um local para denominarmos como de nossa posse. Enfim, um lugar no mundo – mesmo que em meio às mazelas da realidade ou aos êxtases sobrenaturais de terras ainda desconhecidas.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. São Paulo: Editora 34, 2018.

CELESTE, Jennifer da Silva Gramiani; FERREIRA, Rogério de Souza Sérgio. Literatura e intermidialidade em *Wattpad*: a saga ‘Aika’, de Lúcia Lemos. In: Congresso Nacional Universidade, EaD e Software Livre: UEADSL 2021.1, 2021, Belo Horizonte, Minas Gerais. *Anais do UEADSL 2021.1*. Belo Horizonte: UFMG, 2021, v. 1, p. 1-6.

LEMOS, Lúcia. *Aika: a canção dos cinco*. 2015. Disponível em: <http://www.wattpad.com/story/53716970-aika-a-can%C3%A7%C3%A3o-dos-cinco-a-saga-aika-1-degusta%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 20 out. 2024.

LEMOS, Lúcia. *Aika: o tabuleiro do oráculo*. 2018. Disponível em: <http://www.wattpad.com/story/169067419-aika-o-tabuleiro-do-or%C3%A1culo-a-saga-aika-2>. Acesso em: 20 out. 2024.

LEMOS, Lúcia. Rumo à Gattai: uma entrevista com Lúcia Lemos, autora da saga ‘Aika’. [Entrevista concedida a] Jennifer Celeste. *Entre Linhas, Entre Pautas*. Juiz de Fora. 2021. Disponível em: <http://entrelinhasentrelinhas.blogspot.com/2021/05/rumo-gattai-uma-entrevista-com-lucia.html>. Acesso em: 20 out. 2024.

MANZI, Joachim; TOUDOIRE-SURLAPIERRE, Frédérique. O desconhecido que bate à minha porta. In: MONTANDON, Alain. *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac, 2004.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 1984.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Recebido em: 19/10/2024

Aceito em: 21/04/2025